

ELEMENTOS DA BASE NOMINAL EM CAXINAUÁ (PANO)

Eliane Camargo¹

RESUMO - *Propõe-se uma descrição das bases nominais: simples, composta e derivada em caxinauá. Dentro dos diferentes casos, atentou-se à posição dos elementos para definir os limites entre uma composição e uma determinação, como em construções do tipo nawa huni 'bebida alucinógena' e huni nawa 'homem nawa', isto é Branco. No que concerne o processo derivativo, dois morfemas são analisados: -wan, marca de aumentativo, e -ti um modificador seja de um localizador (de local de atividade ou de época) seja de um instrumental, indicando pelo meio do qual ações ou artefatos são feitos.*

PALAVRAS-CHAVES: Caxinauá, Linguística, Pano, Sintaxe.

ABSTRACT - *The aim of the text is to describe simple, composed, and derived nominal phrases in the Cashinahua language. Within the utterances/statements, we studied the position of the nominal elements in order to define the borders between a composed and a determined construction, as in nawa huni 'hallucinogenic drink' and huni nawa 'nawa man', which also refers to a 'White man'. Concerning the derivation processes, two morphemes are studied: -wan, an augmentative marker, and -ti, (a) a change marker which indicates a change in the locale or the time in which an activity takes place or (b) an instrumental, which indicates the manner in which or by means of which an action is done.*

KEY WORDS - Cashinahua, Linguistics, Pano, Syntax.

¹ Membro do CELIA (Centre d'Études des Langues Indigènes d'Amérique - UMR 7595 do CNRS).

INTRODUÇÃO

O caxinauá², sendo uma língua de tradição oral, faz com que os critérios de análise para a indicação dos termos de base recaiam apenas no plano sincrônico.

Os estudos realizados até o presente momento mostram que trata-se de uma língua de morfologia sufixal (ou aglutinante), na qual as palavras são compostas de uma sequência de sufixos. A palavra ou o lexema caxinauá, como o analisamos, é a unidade mínima constituída de uma base lexical provida de um conteúdo sêmico. É bom salientar, desde já, que é difícil definir a oposição verbo-nominal através do léxico, pois a determinação da categoria gramatical da maior parte das unidades lexicais dessa língua depende do valor dos sufixos de ordem nominal ou verbal. São esses sufixos que indicam a função sintática do lexema ou a categoria a qual pertence. Evidentemente, existem lexe-mas de natureza nominal e verbal, mas sua função sintática é, muitas vezes, definida pela posição ocupada no enunciado³ e/ou pelo valor gramatical dos sufixos a eles agregados. Vale acrescentar que o item lexical nessa língua é provido de propriedade predicativa, como assinalado anteriormente (Camargo 1996a). A série de exemplos (1) ilustra esta interpretação. Em (1a), o lexema *hiwi*⁴ 'habitação' pode ser interpretado como uma entidade nominal ou como um enunciado apresentativo ou ainda como um enunciado predicativo; em (1b), este

² Língua, pertencente à família lingüística pano, é falada nos dois lados da fronteira entre o Brasil e o Peru, na bacia dos rios Juruá e Purus, nas baixas terras amazônicas.

³ A ordem dos elementos também é indicadora do valor nominal ou verbal do lexema. Na frase o predicado é o elemento que se posiciona mais à direita. Esta língua apresenta uma ordem do tipo S(O)P.

⁴ Os dados apresentados foram coletados *in loco* entre 1989 e 1997 no alto rio Purus dos dois lados da fronteira entre o Brasil e o Peru. A transcrição é fonológica, seguindo o sistema que é composto por quatro vogais: /a/, /i/, /i/, /u/, e quatorze consoantes: /m/, /n/, /p/, /t/, /c/, /k/, /b/, /d/, /j/, /s/, /ʃ/, /ts/, /h/ e /w/. Em posição intervocálica, a coronal /d/ → [r] e a palatal /j/ → [j]. A retroflexa /ʃ/ em ambiente vocálico com a vogal alta /i/ realiza-se palatal [ʃ].

mesmo lexema está sufixado de *-wan*, morfema nominal indicador de ‘aumentativo’, enquanto que em (1c), sufixos de valor verbal (o aspetual habitual *-mis* e o modal assertivo *-ki*) indicam que *hiwi* está em função predicativa.

(1) a. *hiwi* ‘habitação’, ‘Eis uma habitação’, ‘É uma habitação.’

b. *hiwi-wan* *capu-ki*
habitação-AUM podre-Ass
‘(Afirmo que) o casarão está podre.’

c. *ninu* *ø* *hiwi-mis-ki*
aqui 3sg habitar-HAB-Ass
‘(Afirmo que) ele vive/habita aqui.’

Os enunciados (1b-1c) evidenciam a ordem dos elementos S(O)P que, por razões enunciativas, pode ser alterada:

(2) *capu-ki*, *hiwi-wan-dan*
podre-Ass, habitação-AUM-dan
‘(Afirmo que) ele está podre, o casarão.’

No decorrer do presente texto, apresentamos alguns dos elementos obrigatórios na determinação da base e na formação de palavras através de processos de composição e de derivação. O objetivo não é de enumerar e classificar cada um dos sufixos da língua, mas destacar algumas das comutações possíveis, das ocorrências eventuais, e os micro-sistemas de sufixos através da formação da base lexical nesta língua pano. Intencionamos, desta forma, divulgar alguns dos resultados de um estudo em andamento sobre o “nominal” em caxinauá.

A BASE SIMPLES

A categoria lexical que agrupa os substantivos é composta de um grande número de lexemas que dão nome às mais diversas realidades

lingüísticas, constituindo, assim, unidades léxico-sintáticas como as apresentadas em (1a-b) e em (3-4):

- (3) a. *isku*
 'japó⁵', 'É um japó.'
 b. *isku* *baki(-ki)*
 japó filho(-Ass)
 '(Afirmo que é um) filho de japó.'
- (4) a. *jukan(-ki)*
 goiaba(-Ass)
 '(Afirmo que é uma) goiaba.'
 b. *jukan* *bata-pa(-ki)*
 goiaba sabor-ADJR(-Ass)
 '(Afirmo que é uma) goiaba saborosa.'

As entidades lexicais *hiwi* 'habitação', *isku* 'japó' (pás. sp.) e *jukan* 'goiaba' são substantivos pertencentes às classes de animados (*isku*) e inanimados (*hiwi*, *jukan*) em função nominal; enquanto que *baki* 'filho', 'criança' está em função predicativa, determinada pelo sufixo modal assertivo *-ki*, que intensifica a predicação. O mesmo ocorre com o lexema *bata-pa*, nominal derivado, que se encontra em função predicativa. É interessante ver que o nominal *bata* 'sabor', pertencente à categoria dos substantivos, passa a dos adjetivos ao ser sufixado pelo adjetivador *-pa*; o mesmo acontece com lexemas como *mişu* (sb) 'escuro', 'noite', 'sujeira' → *mişu-pa* (adj) 'preto', 'sujo'; *huşu* (sb) 'brancura', 'limpeza' → *huşu-pa* (adj) 'branco', 'limpo'; *pata* (sb) 'surdo' → *pata-pa* (adj) 'arteiro' (usado geralmente para crianças quando estas não escutam o que os outros aconselham); *kuşi* (sb) 'força' → *kuşi-pa* (adj) 'forte'. O emprego desse adjetivador é extremamente produtivo. Há um outro adjetivador, *-tapa*, que se agrega a um pequeno número de lexemas tais como *kija* 'altura' → *kija-tapa*

⁵ Pássaro da família dos *icterídeos*.

'alto', *sina* 'mau-humor' → *sina-tapa* 'mau-humorado'⁶. Todavia, existe uma classe de lexemas cujo valor sêmico é próprio de um epíteto, como exemplificado em (1b) por *capu* 'podre'; assim: *cai* 'longe', *cakabu* 'ruim', *cunpi* 'enrolado', *majun* 'liso', 'escorregadio', *miman* 'mimado', *nui* 'saboroso' (empregado para alimento que contém gordura), *pisi* 'fétido', *pišta* 'pequeno' são alguns exemplos representativos dessa categoria.

Nos exemplos analisados, nota-se que, em uma relação de determinação, a posição dos nominais é do tipo <<Ddo -Dte>>, formado tanto por N ← N (3b) como por N ← ADJ (4b).

O gênero e a sua organização

Através dos enunciados acima, observa-se que o gênero não é marcado morfologicamente. Porém, na classe dos seres animados, o sexo é distinguido lexicalmente. Os animados humanos são diferenciados pelos lexemas *huni* 'homem' e *ainbu* 'mulher': *baki* 'criança' → *baki huni* 'menino', *baki ainbu* 'menina'. Tem-se o mesmo para *ibu* *huni* 'genitor' e *ibu ainbu* 'genitora', enquanto que os não-humanos são distinguidos pelos lexemas *bini* 'macho' e *jušan* 'fêmea': *takada jušan* 'galinha' e *takada bini* 'galo'.

- (5) *na baki ainbu daja-mis-ki*
 DEM criança mulher trabalhar-HAB-Ass
 '(Afirmo que) esta menina trabalha.'
- (6) *na takada bini kiu-mis-ki*
 DEM galináceo macho cantar de ave-HAB-Ass
 '(Afirmo que) este galo canta.'

⁶ Dentre os poucos lexemas que admitem a sufixação de *-tapa*, alguns, como o próprio *sina*, apresentam uma forma longa *sinata* que pode ser empregada com valor adjetival: *huni sinata* 'homem zangado/mau humorado'. Porém *-ta* não pode ser considerado um sufixo já que só aparece associado à *sinata*. Pode ser que, em um momento anterior, a forma plena fosse *sinata* e em sincronia, por redução silábica, fenômeno corrente nas línguas pano (Loos 1978), tem-se a forma *sina*.

O Número

Embora a distinção entre o singular e o plural seja a “manifestação mais corrente da categoria do número” (Lyons, 1970:217), em caxinauá, ela diferencia apenas os lexemas pertencentes à classe dos animados. A classe dos animados humanos é marcado por *-bu* ou *-baibu*. Este último é pouco produtivo e pode ser considerado como uma forma irregular de plural. A classe dos animados não humanos é marcada ou por *-abu* ou por seu alomorfe *-bu*. Vejamos a seguir o emprego desses marcadores.

a) O sufixo *-bu* agrega-se tanto ao substantivo (7, 8b-c, 9), como ao adjetivo (8d, 10) como exemplificado abaixo:

- (7) a. *juda* ‘corpo humano’, ‘ser humano’
b. *juda-bu* ‘corpos humanos’, ‘seres humanos’
- (8) a. *baki ibu* ‘genitor de criança’
b. *baki ibu-bu* ‘genitores de criança’
c. *baki-bu ibu-bu* ‘genitores de crianças’
d. *baki iwa-pa-bu* ‘crianças grandes’
- (9) *huni-bu-n tsaka-mis-bu-ki*
homem-PL-ACTI caçar-HAB-PL⁷-Ass
‘(Afirmo que) os homens caçam.’
- (10) *baki miştin-bu-n pi-mis-bu-ki*
criança pequeno-PL-ACTI comer-HAB-PL-Ass
‘(Afirmo que) as criancinhas comem.’

Alguns lexemas apresentam em sua base a sílaba *-bu* como sílaba final. O plural desses lexemas será também marcado por *-bu*, mas algumas pessoas empregam a forma irregular *-baibu*, como mostram

⁷ Dois morfemas de plural marcam a base verbal: *-bu* e *-kan*. O primeiro associa-se às marcas aspectuais enquanto que o segundo às marcas modais.

os exemplos abaixo. Essa forma é mais produtiva no lado brasileiro do Purus do que no lado peruano.

- (11) a. *ibu* 'genitor', 'chefe', 'patrão'
- b. *ibu-bu* 'genitores', 'chefes'
- (12) a. *juşabu*⁸ 'velha', 'idosa'
- b. *juşabu-bu* 'velhas', 'idosas'
- c. *juşa-baibu* 'idosas'
- (13) a. *mistibu*⁹ 'velho', 'idoso'
- b. *mistibu-bu* 'homens velhos'
- c. *misti-baibu* 'idosos'
- (14) a. *anibu*¹⁰ 'ancião'
- b. *anibu-bu* 'anciães'

Língua onde o número marca apenas os substantivos animados, o caxinauá apresenta alguns termos cuja estrutura lexical deve ser concebida como *pluralia tantum*. É o caso dos termos que designam 'família' *nabu*¹¹, 'antepassado' *şinipabu* e 'espírito de animais' *juşibu*.

b) Como mencionado acima, o plural marcado por *-baibu* é pouco produtivo, porém é de emprego imprescindível na distinção de número entre os termos *ainbu* 'mulher' → *ainbu-bu* 'mulheres' e *ain* 'esposa' → *ain-bai-bu* 'esposas', evitando, dessa maneira, uma homofonia (**ain-bu*) com o termo genérico para mulher¹². Em relatos mitológicos a forma *ainbuaibu* 'mulheres' é bastante corrente.

c) O plural dos elementos da classe dos animados não humanos indica a espécie ou o coletivo. Este é marcado por *-{a}bu*:

⁸ Refere-se à mulher que encerra fisiologicamente sua atividade procriadora.

⁹ Refere-se ao homem que fisiologicamente deixa suas atividades sociais.

¹⁰ Refere-se ao homem concebido por sua idade como representante vivo do conhecimento ancestral.

¹¹ O lexema *nabu* se opõe à *nabi* 'família'. O primeiro é um termo mais genérico já o segundo refere-se à família nuclear, biológica.

¹² De forma alguma *-bai* deve ser interpretado como um infix, pois este fenômeno é pontual e raro; lembramos que esta língua apresenta um sistema sufixal, e fenômenos de prefixação e de infixação não são correntes.

- (15) a. *juinaka*
‘animal da mata’, ‘animal de caça’
b. *juinaka*-{a}bu
animal de caça-PL
‘o conjunto dos animais da mata’
- (16) *ina*-{a}bu
animal domesticado-PL
‘animais domesticados’
- (17) *hini-anu-abu*
água-DIR-PL
‘animais aquáticos’
- (18) *juinaka pii-abu*
caça pena¹³-PL
‘animais plumários de caça’
- (19) *mapu-baun-abu*
caminhar em grupo-MOD-PL
‘todo tipo de animal’¹⁴

A série de exemplos de (15) a (19) mostra o coletivo da classe dos animados não-humanos. A noção de contável é aplicada para essa classe através de quantificadores numerais (‘um’ *bisticai*, ‘dois’ *dabi*, ‘três’ *bisticai inun dabi*, ‘quatro’ *dabi inun dabi*, ‘cinco’ *mikin bisti*¹⁵) e de indefinidos como ‘muitos’ *icapa*, ‘todos’ *dasi*. A exceção é apresentada em (21) que, por se associar ao pluralizador *-abu*, fornece indicações para pensar que os Caxinauá concebem a classe dos jacarés

¹³ O lexema *pii* designa também ‘folha’: *hi pii* ‘folha de árvore’.

¹⁴ Construção obtida do lado peruano. Do lado brasileiro, coletamos o termo *mimapuku-abu*, o equivalente a ‘bando de animais terrestres’.

¹⁵ O sistema de numeração caxinauá é construído com base em três noções fundamentais: a unidade, a dualidade (um par de) e a quinária (o conjunto dos dedos da mão). Esses numerais se justapõem para a formação dos números.

como um coletivo à parte, já que a construção **baka-{a}bu*, que seria o coletivo de peixes¹⁶, não é aceita pelos locutores.

(20) a. *kaman dabi*
cachorro dois
'dois cachorros'

b. *kaman icapa*
cachorro muito
'muitos cachorros'

c. **kaman-{a}bu*
'cachorros'

(21) a. *kapitan-abu*
jacaré-açu -PL
'jacarés-açus'

mas

b. *kapi icapa*
jacaré muito
'muitos jacarés'

c. *kapi dabi*
jacaré dois
'dois jacarés'

d. **kapi-{a}bu*
'jacarés'

A combinação dos lexemas *inu* 'onça pintada' e *dua*¹⁷ 'onça suçuarana' com o pluralizador *-bu* denomina as duas metades designadoras da organização social do grupo: *inu baki-bu* os 'filhos de Inu' e *dua baki-bu* os 'filhos de Dua', e não o plural da espécie. Nesse contexto,

¹⁶ A construção *baka-bu* (peixe-PL) refere-se ao fato de apreciar a carne de peixe. O mesmo pode ser dito para *dunu-abu* (serpenteiar/pendurar-PL) 'estão pendurados' que refere-se ao lexema verbal 'pendurar', 'suspender', seguido do plural *-{a}bu*. Nesta construção verbal, o sujeito é inexoravelmente animado.

¹⁷ ou *caçu inu* (veado/onça) 'onça parda ou suçuarana'.

as estruturas *inu-bu* 'os Inu' e *dua-bu* 'os Dua' referem-se aos membros respectivos a cada metade totêmica do grupo.

No que diz respeito à classe dos inanimados, a noção de número é veiculada através de quantificadores numerais ou de um pronome indefinido, da mesma forma que os animados não-humanos, quando se trata da espécie (e não do genérico ou coletivo) como em (22b-c):

- (22) a. *dui* 'machado'
 b. *dui dabi*
 machado dois
 'dois machados'
 c. *dui icapa*
 machado muito
 'muitos machados'
 d. **dui-{a}bu* 'machados'

A BASE NOMINAL COMPOSTA

Entendemos por composição a formação de uma unidade semântica a partir de dois ou mais elementos lexicais que se comportam sintaticamente como uma palavra simples, susceptíveis de ter por si uma autonomia semântica na língua. As unidades lexicais em composição supõe uma relação sintática regular entre os elementos associados: eles vão distinguir apenas uma unidade semântica, um objeto. Nota-se aqui que os dois substantivos estão em uma relação de determinação, onde o determinado se posiciona à esquerda do determinante, como exemplificado abaixo:

- | | | |
|---------------------------|-----------------|------------------|
| (23) a. <i>bidu jušin</i> | (olho/espírito) | 'íris' |
| b. <i>hiwi šau</i> | (casa/osso) | 'teto' |
| c. <i>hi punjan</i> | (árvore/braço) | 'galho' |
| d. <i>cucu dibu</i> | (seio/ponta) | 'mamilo' |
| e. <i>šašu dibu</i> | (canoa/ponta) | 'ponta de canoa' |

f. <i>pia kinu</i>	(flecha/ponta)	‘ponta de flecha’
g. <i>mişu mabiş</i>	(preto/caiçuma)	‘café’
h. <i>şiki mabiş</i>	(milho/caiçuma)	‘caiçuma de milho’
i. <i>hi mişti sida</i>	(árvore/corte/serra)	‘motosserra’
j. <i>tadi tai</i>	(roupa/pé)	‘meia’
k. <i>tai şaka</i>	(pé/casca)	‘sapato’

Existe uma série de composições construídas com o termo *mani* ‘metal’¹⁸.

(24) a. <i>mani ci</i>	(metal/fogo)	‘fósforo’ ¹⁹
b. <i>mani hanca-wan</i>	(metal/palavra-AUM)	‘rádio’
c. <i>mani kinti</i>	(metal/panela)	‘panela de alumínio’
d. <i>mani şita</i>	(metal/dente)	‘dentadura’
e. <i>mani bidu</i>	(metal/olho)	‘óculos’

Cabe mencionar algumas das variantes dialetais que ocorrem entre o caxinauá falado no alto do Purus do lado brasileiro (BR) e do lado peruano (PR):

(25) a. <i>mani nami</i>	(metal/carne)	‘carne em conserva’	(BR)
a’. <i>nami data</i>	(carne/lata)	‘carne em conserva’	(PR)
b. <i>mani cucu</i>	(seio/metal)	‘sutiã’	(BR)
b’. <i>cucu mata</i>	(seio/cheio)	‘sutiã’	(PR)

As construções do tipo nominal têm como termo dominante *manĩ* em (25a-b) e *nami* em (25a’-b’). Nos dois casos a relação é do tipo

¹⁸ Traduzimos provisoriamente *mani* por metal. Os Caxinauá designam *mani* a matéria brilhante que pode ser transformada em objetos de uso. No saber da cosmologia do grupo, ao referirem-se ao Inca, o detentor da riqueza, aludem àquele que dispõe de *mani*, i. é, de ouro. Para eles, aqueles que conseguiram ser atravessados pelo *kapitanwan* ‘jacaré-açu’ são os que possuem essa matéria brilhante e o conhecimento de sua fabricação assim como do seu manuseio. Por extensão, os detentores dessa matéria, o metal, são os *nawa*, os ‘Branco’.

¹⁹ Um dos informantes forneceu-nos o termo arcaico *şukiti* para designar a obtenção do fogo através do atrito da madeira.

Ddo ← Dte, mas nas duas séries de exemplos, o referencial não é o mesmo: o invólucro predomina na primeira e o conteúdo na segunda. Pode-se ainda atentar para a seguinte interpretação, no lado brasileiro, a relação é do tipo nominal, já no lado peruano é do tipo adjetiva.

No que concerne à relação semântica entre nominais é interessante ressaltar a assimetria entre (26a) e (26b). As duas construções dispõem dos mesmos substantivos *huni* 'homem' e *nawa* 'Outro' (referindo-se à alteridade e, por extensão, ao termo geral para 'gente' ou ainda 'o estrangeiro', 'o (homem) branco').

- (26) a. *huni nawa*
homem Outro (lit. homem Outro)
'(o) estrangeiro', '(o) branco'
- b. *nawa huni*
Outro homem (lit. homem do Outro)
'(o) cipó'²⁰ ou seja 'bebida alucinógena'

Pode-se considerar que a primeira construção é de base adjetival onde *nawa* entra perfeitamente em relação paradigmática com o epíteto *kuin* em *huni kuin* 'homem kuin', a autodesignação dos Caxinauá. A segunda construção *nawa huni* pode ser interpretada como uma base composta, já que a combinação desses dois lexemas designa uma só entidade nominal: 'cipó', a bebida alucinógena consumida em uma vasta área do noroeste das terras baixas da Amazônia. A relação paradigmática vai se formar não com o primeiro termo, *nawa*, mas com o segundo, *huni*, que também é um substantivo: *nawa huni* → *ainbu* (Outro/mulher), designando o mesmo conteúdo semântico: 'a bebida alucinógena'²¹.

²⁰ Decocção de um cipó (*Banisteriopsis Caapi*) e de uma folha, popularmente chamada no português do Acre de 'rainha' ou 'chacrona' (*Psychotria viridis*).

²¹ *nawa huni* é sinônimo de *niši pai* (cipó/alucinação) que também designa a bebida alucinógena dos *huni kuin*.

A construção *ainbu nawa*, que corresponderia a (26a), é agramatical e rejeitada pelos locutores. Só as construções adjetivais *huni kuin* 'homem kuin', *huni kuinma* 'homem não-kuin', *huni bimakia* 'homem bimakia', *huni kajabi* 'homem kajabi'²² e *huni nawa* 'o branco' se conformam com os parâmetros semânticos expressos pela concepção socio-cultural do sistema categorial dos Caxinauá (cf. Keifenheim 1990 e Erikson 1996).

De fato, a construção (26b) refere-se exclusivamente à bebida alucinógena. Para entender a essência da construção *nawa huni/nawa ainbu* deve-se levar em conta o teor semântico dos alucinógenos para os Caxinauá. É através da alucinação provocada pela bebida que os homens podem atingir o que lhes é de acesso difícil ou excepcional, ritualizado e controlado, de algo normalmente intangível que é o mundo dos *nawa*, os que detêm o metal, *mani*. Para eles, no percurso dessa viagem, as visões podem trazer cenas de contato com o *nawa huni* (Outro/homem) e *nawa ainbu* (Outro/mulher)²³. É o contato mesmo com o Outro através das alucinações.

De fato, em (26a), a relação é epítética enquanto que em (26b) trata-se de uma base composta.

Ainda no que diz respeito à composição nominal, observa-se que a combinação entre os substantivos dá-se principalmente entre elementos inanimados como em (27a). A construção entre um elemento animado e um inanimado não entra mais nos parâmetros de uma composição. Nesse caso, o determinado representado por um elemento

²² O semantismo desses adjetivos é bastante complexo e muitas vezes não encontramos nas línguas 'ocidentais' uma correspondência direta. Ou empregamos paráfrases ou mantemos o termo de origem de forma a respeitar a essência semântica própria a cada um deles. Porém, esse semantismo não entra no propósito do presente estudo assim propomos para um melhor entendimento consultar Camargo 1991; Erikson 1996; Keifenheim 1990 e Deshayes & Keifenheim 1994.

²³ Essas construções entram em relação paradigmática com o termo *ibu* 'genitor', 'mestre' como em *ibu huni* 'genitor', *ibu ainbu* 'genitora'.

animado requer o morfema *-n* (27b) que define o elemento possuído (Camargo, 1996b). A série de exemplos abaixo ilustra uma composição originária do tipo genitivo-nominal (27a) enquanto que a (27b) mostra um genitivo-possessivo, como indica Givón (1984). As mesmas ocorrências foram igualmente assinaladas por Costa (1992) para o marubo, língua da mesma família lingüística.

- (27) a. *cucu dibu* 'mamilo' (lit. ponta do seio)
b. *ainbu-n cucu* 'seio da mulher'

A BASE NOMINAL DERIVADA

Por derivação entendemos a estruturação de elementos lexicais, em que ao menos um deles não é susceptível de emprego independente em uma forma única e que acrescenta à base uma idéia acessória sem, no entanto, mudar a significação fundamental dela. Assim, em toda unidade de base derivada, há sufixos que lhe são agregados. A maior parte dos morfemas encontrados são sufixados a uma base para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo. Para o presente estudo, destacaremos os sufixos que indicam o "aumentativo" e o "diminutivo".

O Aumentativo

O aumentativo das palavras pode ser designado ou pela forma sintética, marcada por sufixos (28-31), ou pela forma analítica (32).

Em (28), os diferentes lexemas marcados por *-wan* apresentam um valor semântico de aumentativo; já em (29) a sufixação da base a esse morfema produziu uma lexicalização:

- (28) a. *bidu* 'olho' *bidu-wan* (olho-AUM) 'olhão'
b. *cucu* 'peito', 'seio' *cucu-wan* (seio-AUM) 'peitudo', 'peitão'
c. *hui* 'voz' *hui-wan* (voz-AUM) 'vozeirão', voz grave'

d. <i>kiši</i>	‘coxa’	<i>kiši-wan</i> (coxa-AUM)	‘coxudo’
e. <i>şıta</i>	‘dente’	<i>şıta-wan</i> (dente-AUM)	‘dentão’ ou ‘dentuço’
f. <i>kişa</i>	‘boca’	<i>kişda-wan</i> (boca-AUM)	‘bocado’
g. <i>buşka</i>	‘cabeça’	<i>buşkata-wan</i> (cabeça-AUM)	‘cabeçudo’
(29) a. <i>baka</i>	‘peixe’	<i>bakawan</i>	‘curumatã’ (sp.)
b. <i>caşu</i>	‘veado’	<i>caşuwan</i>	‘carneiro’
c. <i>duka</i>	‘macaco soque-soque’	<i>dukawan</i>	‘macaco parauaçu’
d. <i>dunu</i>	‘cobra’ (gen.)	<i>dunuwan</i>	‘jibóia’ (sp.)
e. <i>şubu</i>	‘tapiri’	<i>şubuwan</i>	‘maloca’

O aumentativo das partes do corpo humano é geralmente feito com o sufixo *-şudu*. Dispomos apenas de um exemplo de uma derivação dupla (*şu + wan*), como ilustrado em (30g):

(30) a. <i>dikin</i>	‘nariz’	<i>di-şudu</i>	‘narigão’
b. <i>kişa</i>	‘lábio’	<i>ki-şudu</i>	‘beicudo’
c. <i>mikin</i>	‘mão’	<i>mi-şudu</i>	‘mãozona’ ²⁴
d. <i>puku</i>	‘intestino’	<i>puku-şudu</i>	‘intestino grosso’ ²⁵
e. <i>pabinki</i>	‘orelha’	<i>pabinki-şudu</i>	‘orelhudo’
f. <i>titun</i>	‘pescoço’	<i>ti-şudu</i>	‘pescoçudo’ (usado para homem)
g. <i>titun</i>	‘pescoço’	<i>ti-şu-wan</i>	‘pescoçudo’ (usado para mulher)

Emprega-se o sufixo *-şudu* para indicar um ‘inchaço grande’ como em *tai-şudu* ‘pé inchado’, *hatu-şudu* ‘estômago inchado’.

Atentamos aqui para o emprego de *-şudu* e da forma *-stu*. Em 1997, um dos informantes forneceu-nos o par de exemplos *hu-şudu* ‘pé grande’ e *hu-stu* ‘pé pequeno’ onde há uma oposição semântica entre aumentativo e diminutivo. Vejamos, no entanto, os exemplos abaixo:

²⁴ Esse emprego faz referência a uma ‘mão grossa, áspera’.

²⁵ O intestino delgado é designado por *puku-uma* (tripa-PRIV) ou por *puku pišta* (tripa / pequeno).

- (31) a. *mikin* 'mão' *mi-stu* 'mãozudo'²⁶
 b. *titun* 'pescoço' *ti-stu* 'pescoçudo'²⁷

O sufixo *-stu* é aqui indicado como um aumentativo. Consultando, porém, diferentes informantes, estes admitiram *ti-stu* e *hu-stu* para diminutivo. Deparamo-nos com um problema de valor semântico para uma mesma forma. Podemos, no entanto, pensar que a realização *-şudu* → *-stu* seja o resultado de uma mudança no nível morfofonológico: com a queda da vogal /u/ da sílaba inicial *şudu* → *-ştu*, ocorreu uma assimilação no ponto de articulação e no vozeamento: *-stu*. Só o contexto discursivo permitirá decodificar o valor da forma. Um outro sufixo *-tun*, também associado às partes do corpo humano, marca o aumentativo, porém conforme o contexto, o emprego deste pode apresentar uma conotação levemente depreciativa como exemplifica (32):

- (32) *kişā* 'boca', 'lábios' *ki-tun* 'bocado', 'beijudo' (**ki-stu*)

Na forma sintética, todos os lexemas de (28) a (32) podem ser qualificados pelo adjetivo *iwapa* 'grande'.

- (33) a. *cucu iwapa* 'peito grande'; 'seio grande'
 b. *bidu iwapa* 'olho grande'
 c. *mikin iwapa* 'mão grande'
 d. *puku iwapa* 'intestino grande'
 e. *bakawan iwapa* 'curumatã grande'
 f. *dunu iwapa* 'cobra grande'
 g. *caşuwan iwapa* 'carneiro grande'

²⁶ O emprego do aumentativo refere-se aqui a uma 'mão grande de dedos curtos'.

²⁷ Termo usado somente para galináceos de pescoços alongados.

fecha" (36a) ou ainda "objeto utilizado para traçar" ou "objeto utilizado por meio do qual se traça".

(36) a. <i>bipu</i>	'fecho'	<i>bipu-ti</i>	'porta', 'tampa' (lit. fechador)
b. <i>kini</i>	'traço', 'risco' ³⁰	<i>kini-ti</i>	'caneta' (lit. traçador)
c. <i>tapa</i>	'assoalho'	<i>tapai-ti</i>	'escada'
d. <i>tsui</i>	'torração'	<i>tsui-ti</i>	'forno'
e. <i>usun</i>	'presa'	<i>usun-ti</i>	'presilha' (lit. prendedor)
f. <i>unan</i>	'sabedoria', 'ensino'	<i>unan-ti</i>	'letra', 'marca' (lit. marcador do conhecimento)

Benveniste (1966:110), citando Whorf, lembra que em Milpa Alta, dialeto azteca, "há um elemento nominal incorporado à composição que deve ser interpretado como um modificador, cuja equivalência é feita com um objeto, condicionado pela lógica gramatical como um determinante instrumental do verbo." Essa mesma interpretação pode ser atribuída ao sufixo *-ti* do caxinauá³¹ que também funciona como um determinante instrumental incorporado a uma base lexical através do processo derivativo como exemplifica abaixo:

- (37) a. *mawa* (sb) 'morte', (v) 'morrer'
a'. *mawati* 'morte': *mawa-ti dau* (morrer-MODR/remédio)
'remédio que mata', 'veneno' (lit. morte por meio de remédio);
b. *șușă* (sb) 'cura', (v) 'curar'
b'. *șușă-ti dau-win-dan* (cura-MODR/remédio-INSTR-dan)
'com remédio de cura' (lit. cura por meio de remédio)
c. *unan* (sb) 'sabedoria', 'conhecimento', (v) 'saber', 'conhecer'

³⁰ *kini* designa criptogramas ou grafismos caxinauá.

³¹ Apesar de aproximarmos a mesma interpretação para *-ti* entre essas duas línguas, trata-se de um caso fortuito; lembrando que essas duas línguas não têm traços de parentesco lingüístico.

cⁱ. *unan-ti* ‘saber por meio de’

cⁱⁱ. *ha-win pici unan-ti* (3sg-INSTR/costas/saber-MODR)

‘reconhecimento (da pessoa em questão) pelas costas (dele)’

(lit. reconhecer alguém por meio das costas dela)³², isto é, ‘reconhecer alguém ou saber quem é a pessoa pelas costas’.

Algumas derivações podem ser consideradas como lexicalizadas.

(38) a. *nuṣati*³³ ‘tipóia’, ‘bolso’

b. *maiti*³⁴ ‘chapéu’

c. *biati*³⁵ ‘caneco’

A segmentação desses exemplos (38) não é nada evidente, mas sabe-se que *maiti* faz referência à caixa craneana designada por *mapu*, ou ainda *biati* derivaria do verbo *bi* que significa trazer.

As construções abaixo (39, 40) são exemplos de composições marcadas pelo modificador *-ti* que nesse tipo de construção também pode ser interpretado como um tipo de instrumental ‘por meio da visão há olho’ (39a) ou ainda ‘por meio do sustento há amendoim’ (39d).

(39) a. *bidu* *uín-ti*
olho visão-MODR³⁶
‘óculos’

b. *tai* *adun-ti*
pé guarda-MODR
‘sapato’

c. *ṣanka-ma* *unan-ti*
leve-NEG conhecimento-MODR
‘balança’

³² Extraído do mito *ainbu juṣun kudu* (não publicado), onde a sogra reconhece o genro pelas costas.

³³ *nuṣa* deriva de ‘guardar em um lugar fechado’, *nuṣa-wi* (guardar-IMPER) ‘Guarde no bolso!’

³⁴ *ma-iti* deriva de *mapu* ‘cabeça’, ‘cérebro’.

³⁵ *bía* deriva do lexema ‘trazer’.

³⁶ Ao substituir *bidu* ‘olho’ por *badi* ‘sol’ → *badi uinti* (sol/visão-MODR), obtém-se o significado ‘relógio’.

c. <i>isun</i>	'urina'	<i>isun-ti</i>	'mijadouro' (local para urinar)
d. <i>naši</i>	'banho'	<i>naši-ti</i>	'banheiro' (local para se banhar)
e. <i>pui</i>	'excremento'	<i>puin-ti</i>	'defecatório' (local para defecar)
f. <i>uša</i>	'sono'	<i>uša-ti</i>	'pousada' (local para dormir)

-tian Localizador temporal

A determinação temporal de um momento preciso, como a floração, ou o período das chuvas ou o da seca, é feita através da marca *-tian* e seu alomorfe *-an*.

a) época de plantação de produtos agrícolas:

- (42) a. *bana-tian* b. *tama-tian*
 plantar-MODR amendoim-MODR
 'época de (fazer) plantação' 'época de plantação de amendoim'

b) época de floração:

- (43) a. *hua-tian*
 flor-MODR
 'época de floração'

c) período da vida humana:

- (44) a. *baki* *pišta-tian* b. *šinipabu-tian*
 criança pequeno-MODR antepassados-MODR
 'infância' 'época dos antepassados'

d) período de escassez de alimento (45a) ou época da engorda dos animais em maio (45b):

- (45) a. *buni-tian* b. *šini-tian*
 fome natural-MODR gordura-MODR
 'famina'³⁹ 'época de engorda'

³⁹ Capistrano de Abreu (1941) assinala a forma *buni-an* 'famina'.

Esse sufixo agregado aos lexemas 'sol' e 'chuva' indica uma época do ano caracterizado por um fator de ordem climática:

- | | |
|---------------------------|-------------------------------|
| (46) a. badi-an | b. ui-an |
| sol-MODR | chuva-MODR |
| 'verão' ('época da seca') | 'inverno' ('época de chuvas') |

No Peru, a construção corrente é *baditian* (46a) e *uitian* (46b).

O pronome interrogativo 'quando' é construído com a forma *-tian* que mostra o seu valor de localidade temporal, associado à forma dêitica *ha*:

- (47) *hatian mi-n ka-ʃu-min*
quando 2sg-n ir-COMPL-INTER
'Quando é que você foi?'

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que em caxinauá, língua à base de uma morfologia sufixal, o gênero não é marcado formalmente e somente a classe dos animados recebe sufixos indicadores de plural. Na formação das palavras por composição, o elemento determinante posiciona-se à direita do determinado: *mani ci* (metal/fogo) 'fósforo'. Na formação por derivação, restringimos ao emprego do aumentativo (indicado por sufixos como *-wan* e *-ʃudu*), do diminutivo (marcado pela forma não autônoma *piʃi* associado ao lexema *piʃta* 'pequeno' → *piʃipiʃta* 'pequenez'), e do modificador *-ti*.

Segundo as nossas primeiras análises, este sufixo *-ti* serve para localizar um local de atividade: *bawa-ti* (cozimento-MODR) 'local onde se cozinha' ou um instrumento, referindo-se a artefatos através da expressão <<por meio de>>: *biputi* <<por meio do fechador>> para designar 'porta'. Já a forma *-tian* (ou seu alomorfe *-an*) serve para localizar um tempo ou uma época como *mani-tian* (banana-época) 'época de banana'.

O sistema derivacional em caxinauá é bastante complexo, principalmente no que se refere às partes do corpo humano, e uma análise sobre ele, assim como um estudo mais aprofundado sobre a morfologia e a categoria lexical, ainda estão em andamento. Este texto é uma breve apresentação e uma divulgação das nossas primeiras análises sobre a base nominal nessa língua pano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a leitura e as sugestões feitas sobre este texto por Barbara Keifenheim e Raquel Guimarães Costa. Aproveito para dedicá-lo ao velho Augusto Feitosa Kaxinawa de Moema (da Reserva Indígena do Alto Rio Purus), falecido em agosto de 1997.

ABREVIATURAS

- ‘ ’ indica o correspondente em português
 * forma não aceita pelo sistema da língua
 { } indica a presença de uma alomorfa
 3sg terceira pessoa do singular

ACTI	Actante que representa o agente em uma construção biactancial		
ADJR	adjetivador	INTER	interrogativo
ADJ/adj	adjetivo	MOD	modal
Ass	assertivo	MODR	modificador
AUM	aumentativo	N	nominal
BR	Brasil	O	objeto
COMPL	aspecto completo	P	predicado
Ddo	determinado	PL	plural
DEIC	déitico	PR	Peru
DEM	demonstrativo	POS	possessivo
Dte	determinante	PRIV	privativo
DIR	direcional	S	sujeito
HAB	aspecto habitual	sb	substantivo
IMPER	imperativo	SG	singular
INSTR	instrumental	v	verbo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANS, A-M.D'. 1975. *La verdadera biblia de los Cashinahua*, Lima, Mosca Azul Editores.
- BENVENISTE, E. 1966. *Problèmes de linguistique générale*. v.2. Paris, Gallimard.
- CÂMARA Jr., J. & MATTOSO, J. 1971. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis, Vozes.
- CAMARGO, E. 1991. *Peut-on traduire les termes du système catégoriel caxinauá?* Nova Orleans. 47° CIA. ms.
- CAMARGO, E. 1995. Léxico caxinauá-português. *Série de Chantier d'Amerindia*, :1-120. suplemento 3 da *Amerindia*, Paris, (19/20).

- CAMARGO, E. 1996a. Des marqueurs modaux en caxinaua, *Amerindia*, Paris, (21):1-20.
- CAMARGO, E. 1996b. Les valeurs nominales de -n en caxinaua. *CONGRESSO NACIONAL DO CENTRO COLOMBIANO DE ESTUDOS DE LÍNGUAS AMERÍNDIAS*, 4. Atas. Bogotá, CCELA:1-12. no prelo.
- CAPISTRANO DE ABREU, J. 1941 (1914). *Rã-txa hu-ni-ku-ĩ. A língua dos Caxinauás do rio Ibaucú, afluente do Murú (Prefeitura de Tarauacá)*. Rio de Janeiro, Livraria Brigueit, 649p. Edição da Sociedade Capistrano de Abreu.
- COSTA, R.G. 1992. *Padrões Rítmicos e Marcação de Caso em Marubo (Pano)*. Rio de Janeiro, UFRJ, 287p. Tese de mestrado.
- DESHAYES, P. & KEIFENHEIM, B. 1994. Paris. Penser l'autre chez les Indiens Huni Kuin de l'Amazonie. *Recherches et Documents, Amériques Latines*. L'Harmattan.
- GIVÓN, T. 1984. *Syntax - a functional-typological introduction*, v.1. Amsterdam, John Benjamin Publishing Company.
- ERIKSON, Ph.; ILLIUS, Br.; KENSINGER, K. & AGUIAR, M-S. 1994. *Kirikobaon Kirika* ("Gringo's Books"). An Annotated Panoan Bibliography. *Amerindia*. Paris, (19/20). suplemento 1.
- ERIKSON, Ph. 1996. *La griffe des aïeux. Marquage du corps et démarquages ethniques chez les Matis d'Amazonie*. Louvain, Éditions Peeters. 370p.
- KEIFENHEIM, B. 1990. Nawa - un concept clef de l'altérité Pano. *J. Soc. Am.*, 76:79-94.
- KENSINGER, K. 1994. *The Way Real People Ought to Live: Essays on the Peruvian Cashinahua*. Illinois, Waveland Press. Prospect Heights.
- LOOS, E. 1978. La señal de Transitividad del Substantivo en los Idiomas Panos. *Estudios Pano I*. Yarinacocha, CALAP, p. 133-184. (Série Lingüística Peruana, 10).
- LYONS, J. 1970. Linguistique générale. Introduction à la linguistique théorique. *Langue et Langage*. Paris, Larousse, 384p.
- POTTIER, B. 1987. *Théorie et analyse en linguistique*. Paris, Hachette, 224p.

Recebido em: 11.11.96
Aprovado em: 11.08.97